

EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ: ENTRELAÇAMENTOS POSSÍVEIS A PARTIR DA ESCOLA DOMINICAL

Education and Culture of Peace:
Possible interlacing from the Sunday School

Carlos Rogerio Souza dos Santos

Mestrando em Ciências da Religião (UMESP), com bolsa de fomento da IEPG, pesquisador na área de Religião e dinâmicas psicossociais e pedagógicas. É membro do grupo de pesquisa Narrare.

E-mail: carlosrogerio.ed@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende abordar as temáticas da educação e da cultura de paz tecendo diálogos possíveis no ambiente da Escola Dominical. Esse espaço de educação e formação, pode ser visto como disparador de discussões relevantes para os sujeitos, que para além da experiência religiosa dentro de suas comunidades de fé, interagem com outros sujeitos e com o meio social em que estão inseridos, afetando e sendo afetados.

Palavras-chave: Cultura de paz, Responsabilidade Social e Escola Dominical.

Introdução

Neste artigo pretendemos pensar a relação entre educação e responsabilidade social, a partir do ambiente da escola dominical como uma possibilidade de espaço de promoção da cultura de paz. No Brasil algumas denominações protestantes dedicam um momento para práticas educativas, de formação dos sujeitos pertencentes a esses espaços religiosos. Normalmente esses encontros acontecem aos domingos, onde um grupo de pessoas se reúnem para tratar de assuntos diversos a luz da Bíblia mediado, por um professor ou uma professora. Vale aqui considerar, que algumas igrejas não usam o nome Escola Dominical (ED), entretanto neste trabalho usaremos este termo para nomear as práticas de educação cristã em diversos ambientes eclesiais, onde se observa a relação docente/discente.

Cultura de Paz

A declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), adotada e proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, aponta em seu artigo 3º, que todo ser humano tem direito a vida, e ao longo de seus artigos defende a dignidade humana, orientando leis e políticas para que se garanta justiça, respeito e a cultura da paz. Nesse sentido os espaços de educação cristã, em especial nesse artigo a Escola Dominical, são potencialmente importantes para propagação da cultura de paz, ou seja,

[...] falar dos valores essenciais à vida democrática. Valores como igualdade, respeito aos direitos humanos, respeito à diversidade cultural, justiça, liberdade, tolerância, diálogo, reconciliação, solidariedade, desenvolvimento e justiça social.(UNESCO, 2010, p.12)

Assim a promoção da cultura de paz pode colaborar na construção de uma sociedade mais justa e solidária, com sujeitos conscientes, que combatem a violência em suas mais diversas expressões e promovem os direitos humanos. Um sujeito que vivencia suas experiências religiosas, mas que também é crítico, e interage de forma responsável com a sociedade.

A Unesco vai definir a cultura de paz como,

uma cultura baseada em tolerância e solidariedade, uma cultura que respeita todos os direitos individuais, que assegura e sustenta a liberdade de opinião e que se empenha em prevenir conflitos, resolvendo-os em suas fontes, que englobam novas ameaças não militares para a paz e para a segurança, como a exclusão, a pobreza extrema e a degradação ambiental. (UNESCO, 2010, p.11)

Em nosso cotidiano, na vida social, somos atravessados por diversas expressões de violências, exclusões e consequências de uma estrutura de desigualdades. Racismo, xenofobia, violações de direitos, conflitos bélicos, exclusões, e outras violências são situações que acontecem na esfera micro e macro das relações humanas e que, portanto, se faz necessário respostas de enfrentamento e preservação à vida. O contexto religioso não está apartado dessas afetações, já que a religião é uma dimensão da vida humana, e as instituições religiosas são instituições sociais.

Educação e Cultura de paz no ambiente da Escola Dominical

Nesse ponto pretendemos apontar os entrelaçamentos entre Escola Dominical e cultural de paz, porém percebe-se uma necessidade de uma breve introdução sobre a história da ED. Costa (2021) conta que Robert Raikes (1735 -1811), nos meados de 1780 iniciou um trabalho de educação

aos domingos para crianças pobres que não tinham acesso à escola. Nesse tempo não havia legislação em relação ao trabalho infantil, então crianças trabalhavam durante toda a semana e seu único dia de folga era o domingo e além do ensino religioso aprendiam também educação moral. Sophia Cooke é quem sugere a Raikes a ideia de uma Escola Dominical, ao notar o grande número de crianças na rua Raikes se pergunta, “o que fazer por crianças pobres e abandonadas”. Costa (2021).

A criação da ED é atribuída a Raikes porque ele sistematiza esse método de ensino, porém antes dele algumas pessoas já estavam pensando na educação de crianças a partir da bíblia,

[...] Freese (1979) menciona outras iniciativas de instrução religiosa para crianças aos domingos na Inglaterra com Joseph Alleine em 1668, reuniu 70 crianças para ensinar o catecismo; Harrison de Bedale, em 1765, reunia crianças pobres em sua cozinha para ensinar a ler e recitar o catecismo; Hannah Ball, uma jovem metodista, reuniu um grupo de crianças em sua casa em 1769 para instruí-las no catecismo. (COSTA, 2021, p. 9-70).

Ainda na Inglaterra John Wesley percebe que os filhos das pessoas pobres ficavam analfabetos porque seus pais não tinham condição para mantê-los nas escolas, por isso Wesley estuda o sistema educacional da Inglaterra, aponta os erros e propõe mudanças (Fluck; Lemes, 2020, p. 8, apud Reily, 1953, p. 9). Para Wesley

[...] a educação era vista, não somente como uma ferramenta de socialização e capacitação para a cidadania, mas também como um poderoso instrumento de evangelização; demonstração de amor cristão, e crescimento no caráter de Cristo. (Fluck; Lemes, 2020, p. 8, apud Macedo, 2014, p. 129).

No Brasil a primeira ED foi organizada em Petrópolis, nos anos de 1858 pelos missionários Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley enviados pela igreja congregacional. Sarah participou ativamente da ED na Escócia seguindo essa mesma dinâmica entusiasmo das escolas na Grã-Bretanha. (Costa, 2021).

Hahn (1989) escreve que a Sra. Kalley inicia a ED na sua casa com cinco crianças, lendo na primeira aula a história de Jonas, ensinou a cantar hinos e orou a Deus com elas. Nesse relato é importante notar que antes de implantar uma igreja como comumente conhecemos, é implantado a ED. Para Hahn (1989) no Brasil era habitual a ED vir antes do templo propriamente dito, e ressalta o ensino como caráter central de toda igreja local. Cabe ressaltar que nesse mesmo período histórico, em 1859 o Brasil recebe o missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton, vindo dos Estado Unidos da América, em seu diário foi encontrado o seguinte relato:

Diário, 28 de abril de 1860: Domingo passado, dia 22 dirigi uma Escola Dominical em minha casa. Foi meu primeiro trabalho em português. As crianças dos Eubanks estavam todas presentes. A bíblia, o catecismo de história sagrada e O Peregrino, de Bunyan, forma nossos textos. (Hahn, 1989, p. 276)

As casas eram distantes, cada casa tornava-se núcleo de uma igreja. Dessa forma, a medida em que os cultos iam tomando maior proporção, ganhavam o nome de escola dominical e era dirigida na maioria das vezes por leigos. Havia um hino de abertura, logo após um pequeno estudo da lição com todo o grupo que em seguida se dividia em classe. Era um reduzido culto de igreja, e a ED à medida que ia crescendo passava a ser uma congregação e depois uma igreja. Depois essa igreja passaria a ser responsável por novos locais de escola

dominical, onde os estudos seriam dirigidos novamente por leigos. (Hahn, 1989). Hoje como dito no início do texto a ED funciona com encontros que acontecem aos domingos, onde um grupo de pessoas se reúnem para tratar de assuntos diversos a luz da Bíblia mediado, por um professor ou uma professora.

Nesse sentido a Escola Dominical pode ser entendida como ambiente de educação, surge então a necessidade de se pensar a relação desse ambiente com a sociedade, o que historicamente pode ser percebido em suas gênesis. É importante perceber que os discentes não estão sendo preparados em sala de aula, apenas para lidar com as questões relativas à sua comunidade religiosa, mas também à sua vida cotidiana. A maior parte das interações sociais se darão fora do contexto de fé. Em sua tradição a escola dominical, como já exposto, acontece aos domingos. De segunda a sábado esses alunos e alunas estarão em seus ambientes familiares, locais de trabalho, faculdade, e espaços de interação com a sociedade etc.

Ao notar a maior parte da rotina dos alunos e alunas expostos no parágrafo anterior, já se percebe uma aproximação maior com o ambiente externo a sua comunidade religiosa. Por esse motivo, existe uma preocupação com a responsabilidade social a partir desse ambiente de educação. Diante do exposto existe a possibilidade de se atentar que esses discentes durante a ED, não estão separados das questões que os envolve na sociedade, questões climáticas, racismo, violências diversas, xenofobia, exclusões, elementos externos que se impõem ao viver do discente fora da ED. Nesse sentido esse artigo tem objetivo de chamar atenção para as práticas de ensino e aprendizagem nesses espaços, de maneira a produzir discussões relevantes de assuntos pertinentes as dimensões do campo religiosos atrelado a promoção de uma cultura de paz.

Pensando a partir disso, é possível sugerir o papel docente como incentivador do pensamento crítico. Acreditamos ser de grande importância que a pessoa que leciona, tenha em seu horizonte pedagógico que é saudável

para o aluno e aluna de Escola Dominical, questionar o que é posto, perguntar o “porque?”. Para Murad (2010) no processo de reflexão o ser humano precisa usar da “razão”, termo que o autor entende como capacidade da mente, desenvolvida pela aprendizagem. Em Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire destaca que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção (Freire 2019, p. 24)”. Freire continua em seu comentário dizendo que aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.

Dessa forma quanto mais a capacidade de aprendizado é exercida criticamente, mais o educando e o educador se constroem e se desenvolvem, o que pode fazer com que o aluno e aluna da ED, sejam provocados a olhar para além dos muros da sua comunidade. Quando pensamos no desenvolvimento da capacidade crítica a partir dos alunos e alunas de ED, é possível sugerir nas definições de Freire, a possibilidade de um desenvolvimento crítico nas suas experiências de fé. Quando esse movimento é realizado de maneira intencional, na ideia de reforçar a capacidade crítica, dentro das classes de ED, surge a oportunidade de acender o que Freire chama de força criadora do aprender. Segundo Freire (2019), na força criadora estão contidos: comparação, constatação, dúvida e a curiosidade não facilmente satisfeita.

Feita abordagem das questões teóricas acima, e como já dito, sendo a Escola dominical um ambiente de educação, nossa percepção é que esse ambiente também seja um lugar de propagação da cultura de paz. Precisamos estar atentos para que esses ambientes de educação não se tornem ambientes de interesses individuais, ou ambientes formadores de pessoas alienadas ao seu tempo. Boa parte dos equívocos, em relação a ED, como um lugar de educação, pensado para um determinado público, pode ser amenizado a partir da forma como enxergo e percebo o outro. Costa (2021) comenta que existe uma tensão entre a sensibilidade para uma situação de vulnerabilidade e a falta de leitura mais ampla das relações sociais, e esse déficit não é incomum nas ações sociais e educativas das igrejas.

Gabatz (2024) corrobora com o descrito no parágrafo acima, a partir de seu pensamento, explicando que as decisões partem das imagens que temos sobre nosso lugar na sociedade, como olhamos as coisas e de que modo compreendemos as pessoas que convivem conosco. O autor argumenta que existem imagens que podem manipular nossas vontades, e até paralisar diferentes formas de opressão em nome de uma suposta liberdade, podendo ser esse um meio para uma lógica de aprisionamento de corpos.

Educação, Indivíduos e Coletividades

Gabatz (2024), descreve que a consequência das crises econômicas e ambientais têm como causa o modo de vida que a sociedade vem assumindo, com tendência de transformar tudo em mercadoria. Em seu artigo o autor cita a propensão que a humanidade tem desenvolvido para a competição e o egoísmo, para o autor a falta de limites poderá levar a um individualismo excessivo. Portanto se torna urgente a estimulação de ambientes que promovam uma educação onde se pense de forma para além das questões religiosas.

Em alguns ambientes religiosos, o processo de desconstrução passa inclusive pela percepção da falsa simetria, Djamila Ribeiro (2018) comenta que opressão é quando um grupo detém privilégios em detrimento do outro. Nesse sentido normalmente aqueles que estão no poder tendem a não concordar com alunos e alunas que pensam criticamente. Nesses espaços religiosos esses e essas são vistas como “rebeldes”. Porém torna-se necessário perceber que o docente crítico é aquele que tem potencial para perceber as questões do seu tempo e reagir a elas.

Na Carta Encíclica Fratelli Tutti (2020) o Papa Francisco comenta que reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independente de sua proximidade físicas ou lugar onde habita, não é uma utopia, mas um sonho que precisa ser mantido e alimentado. O Papa escreve que as formas atuais de eliminar ou ignorar os outros precisam ser sobrepostas por ações de fraternidade e amizade. Nesse sentido acreditamos que a educação é uma

forma de reagir às ideias de eliminação do outro, logo a ED não está isenta dessa responsabilidade. O Papa segue a Encíclica nos convidando a sonhar, no sentido de reconhecer a dignidade de cada pessoa humana e caminhar entendendo que essa não é uma luta que se deve enfrentar isoladamente, é necessário que em comunidade esse movimento seja apoiado.

Edgard Morin (2004) propõe uma educação multidimensional, essa que consegue perceber o ser humano ao mesmo tempo religioso, biológico, psíquico, social, afetivo e racional. Nesse caminho, segundo o autor, será possível promover o uso da inteligência de maneira geral, e a partir dessa capacidade pensar as questões específicas, mas considerando a possibilidade de uma mente expandida. O autor chama atenção para o perigo de uma inteligência ou uma educação, parcelada ou míope. Para ele esse tipo de educação, destrói um embrião de possibilidades e a formação de um visionário a longo prazo.

Morin (2004), nos ajuda ainda a perceber que todo conhecimento deve fazer com que o aluno e aluna identifique que: quem somos? É inseparável de onde estamos? De onde viemos? E para onde vamos? Para o autor a cultura é capaz de acumular em si o que é conservado, transmitido, aprendido e comporta normas e princípios de aquisição. Nesse aspecto para o saber antropológico, a sociedade vive para o indivíduo e esse vive para a sociedade. O indivíduo e a sociedade estão em constante troca, e de certa forma essa troca de interação permite perpetuação da sociedade. Por isso para o autor todo desenvolvimento verdadeiramente humano envolve participações comunitárias, individuais e sentimento de pertencimento.

Assim entendemos que cuidar do mundo é também cuidar de nós. Percebe-se que a medida em que a consciência da cultura de paz, adere aos diversos espaços, como o da ED, nos tornamos pessoas mais conscientes de nossos deveres e responsabilidades individuais e coletivas. A proposta desse artigo passa também pela possibilidade de construir algo que pode parecer distante do contexto da ED. O processo de construção envolve trabalho, e por vezes até a desconstrução para que existam novas possibilidades.

Considerações finais

Percebemos então o aluno e a aluna da ED, como parte integrante da sociedade, e não está excluído de ser atravessado das diversas mazelas que afligem o mundo como um todo. Ao pensar por exemplo em alunos pretos, não se pode ignorar a ideia de que o fato de ele pertencer a uma comunidade religiosa, o isenta de sofrer por questões raciais dentro ou fora da sua comunidade. Em relação ao meio ambiente, não se deve partir do pressuposto de que todos e todas da comunidade religiosa possuem consciência ambiental, ou que estão cientes das atrocidades cometidas por empresários, que pela busca de lucros, desprezam totalmente as questões da extinção de espécies do mundo em geral.

Por fim esse artigo tem o objetivo de incitar a inserção das pautas da cultura de paz e temas correlatos nos diversos ambientes de educação, em especial nesse texto, a Escola Dominical, com lugar de educação e formação significativa dos sujeitos sociais.

Referências Bibliográficas

COSTA, Eber Borges da. Conhecer Para Ensinar: as narrativas de Daniel Parish Kidder sobre o Brasil sob a perspectiva da educação cristã. 2021. 179 p. Tese (doutorado em educação) (Doutorado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/2168/2/Eber%20Borges%20da%20Costa2.pdf>. Acesso em: 30 set. 2024

Cultura de paz: da reflexão à ação: balanço da década internacional da promoção da cultura de paz e não violência em benefício das crianças do mundo. [S.l.]: UNESCO Brasil, 2010. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000189919/PDF/189919por.pdf.multi> acesso em 28 jun. 2024

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti São Paulo: Paulinas, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclicafratellitutti.html#:~:text=Ningu%C3%A9m%20

pode%20enfrentar%20a%20vida,Como%20%C3%A9%20importante%20sonhar%20juntos! acesso em 28 jun. 2024

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 60. ed São Paulo: Paz e Terra, 2019. 143 p. ISBN 978-85-7753-409-8.

GABATZ, Celso. A catástrofe climática no estado do Rio Grande do Sul: notas para entender os desdobramentos de um horizonte comunitário e popular que contesta, subverte e transborda a ambição mercantil. In: SCHMITT, Flávio; SILVA, Rubens Marcelino Bento da (orgs). O clamor das águas. Santo Ângelo: Ilustração, 2024, 103 - 120. Disponível em: <https://editorailustracao.com.br/livro/o-clamor-das-aguas> acesso em 28 jun. 2024

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. A Casa da Teologia: Introdução ecumênica á ciência da fé. 1. ed. São Paulo / São Leopoldo RS: Sinodal / Paulinas, 2010. 246 p. ISBN 978-85-356-257-3;

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 9. ed ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018. ISBN 978-85-359-3113-6